

GRAMMATICA PORTUGUEZA

Obras do mesmo Autor

Propriedade da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Exame de Admissão para os Gymnasios, promptuarios das materias exigidas para o exame de admissao no Collegio Pedro II	6\$000
Historia do Brasil , para Gymnasios e Escolas Normaes, curso superior, 3. ^a edicao, 1 vol. — br. 4\$000 — cart. 5\$000 — enc.	6\$000
Historia do Brasil , para Escolas Primarias adoptada para uso das Escolas do Estado de Minas, curso medio. 1 vol. cart.	1\$500
Historia do Brasil (Rudimentos de), para Escolas Primarias, curso primario. 1 vol. cart.	1\$500
Autores Contemporaneos . Selecta dos autores do seculo XIX, adoptada pelo Governo para os exames das linguas franceza, ingleza e allemã. Edicao contendo numerosas annotacoes philologicas. 1 vol. cart.	4\$000
Grammatica Portugueza , da infancia, curso primario (1. ^o anno). 1 vol. cart.	1\$500
Grammatica Portugueza , elementar, curso medio, (2. ^o anno). 1 vol. cart.	2\$500
Diccionario Grammatical , 1. vol. cart. (em reimpressao).	
Livro de Exercicios , para servir com a Grammatica do 1. ^o anno. 1 vol. cart. (em reimpressao).	
Selecta Classica — Periodo archaico, periodo classico; quinhentistas e seiscentistas; com annotacoes philologicas e grammaticaes. 1 vol. cart.	6\$000
Historia Antiga (Oriente e Grecia). 1 vol. cart. (esgotada).	
Frazes Feitas (Explicacao de proverbios e modismos vernaculos). Primeira serie. 1 vol. br. 2\$000 — enc.	4\$000
Segunda serie das Frazes Feitas . 1 vol. (em reimpressao).	

JOÃO RIBEIRO

Grammatica Portugueza

CURSO SUPERIOR

ADOPTADA EM VARIOS GYMNASIOS E ESCOLAS NORMAES
DO PAIZ

22.^a EDIÇÃO

Inteiramente refundida

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

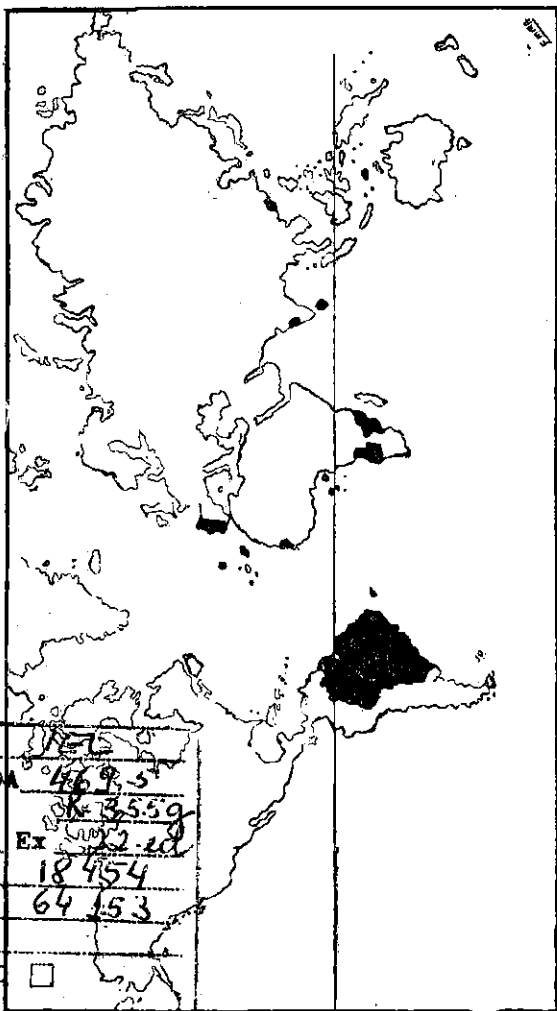
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Valério Badaró | Rua da Bahia, 1052
UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
1953

Biblioteca Central



UNIDADE	1875
N.º CHAMADA	4695
V	Ex 3559
TOMBO/BC	18454
TOMBO/IEL	64153
PROC.	
G <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PREÇO	
DATA	
N.º CPD	

ADVERTENCIA

A *Grammatica portugueza* nesta 21ª edição foi inteiramente refundida pelo autor, que buscou elevá-la ao nível das informações da philologia romana.

Tivemos que compulsar os trabalhos mais notáveis de mais recente data, nacionaes, portuguezes, espanhoes, allemaes, francezes e inglezes, e aproveitámos todas as lições que nos pareceram uteis ao intento almejado.

Entre os autores de que mais nos utilizamos estão: Schuchardt (*Brevier, Vokalismus e Roman. Studien*), Leo Spitzer (*Aufs. z. rom. Syntax, Roman. Wortbild*), Meyer-Lübke (*Gramm. des l. rom. e a Introd. á glottal* na ed. espanhola de A. Castro) o compendio de A. Zauner (*Rom. Spr.*), Tobler (quanto ao francez, Bourciez, Vendryes, Meillet (em varios e conhecidos trabalhos francezes), Stoltz, Dräger (quanto ao latim), Savi-Lopez (*Origine neo-lat.*), Haussen, M. Pidal (grammatica hist.), Cejador y Frauca, Brucke, Stricker, H. Sweet, Otto Jespersen, Victor Sievers, abbé Rousselot (quanto ás questões da phonetica experimental), Grandgent (*Introd. to v. Latin*), Ries (*Was ist Syntax?*), Suchier, Baist, Gröber, Koerting, etc., e todos os outros anteriormente aproveitados.

Obras geraes como as de Wundt (*Voelkerpsychol.*), ou Th. Ziehn (*Phys. Psych.*), ou Kaemmerer (*Biologie*), O. Weise (*Aesthetik d. d. Sprache*), H. Bradley (*The Making of English*), E. Weekley (*Romance of Words*), F. Kluge (*Wortforschung, Unser Deutsch*, etc., mais concernentes ao

alemão), Fritz Mauthner (*Kritik der Sprache*), Skeat (*Notes on Etym.*), Kleinpaul (*Spr. ohne W.*), foram consultadas, como se verá do texto e da doutrina.

A philologia portugueza tudo deve a Carol. Michaëlis, Gonçalves Vianna, J. J. Nunes, Leite de Vasconcellos, Julio Moreira, Ep. Dias, Candido de Figueiredo e R. Dalgado, sem falar nos estrangeiros que se dedicaram ao estudo da lingua Reinhardtstoettner, J. Cornu, Monaci e d'Ovidio, Prestage, Aubrey Bell e Henry Lang, principalmente.

Os cultores da philologia no Brasil que não queremos citar para não commetter omissões involuntarias, têm nos lugares proprios deste livro citados os seus nomes acatados e illustres (1).

Esta não é uma *Grammatica historica*, thema mais do ensino universitario, que não temos; mas foi ella, desde as suas primeiras edições, inspirada no plano de A. Bain, no methodo historico-comparativo, com a discreta moderação que a tornou quasi popular no ensino secundario do Brasil.

Esperamos que o favor publico, apenas interrompido e excepto raros casos pessoaes explicaveis, continue a acolhida geral em todo paiz como sempre. Essa é e será a verdadeira prova e experiencia a que sujeitamos a *Grammatica portugueza*. Mais de vinte edições dispensam palavras inuteis.

1925.

(1) Durante a impressão deste trabalho lemos com proveito Sousa Silveira, Antenor Nascentes, Otoniel Motta e outros mestres.

PROLEGOMENOS

PROLEGOMENOS

1. Grammatica é a coordenação e exposição das regras da linguagem.

Esta definição decorre da observação dos factos da linguagem. A analyse revela que toda a lingua tem grammatica, porque os vocabulos que servem para a expressão das idéas tomam variações de fórma, de collocação e de sentido susceptíveis de serem generalizadas, isto é, de serem construídas sob o typo de *leis* ou *regras*. O systema geral destas leis constitue a *grammatica*.

Deve entender-se, porém, que não ha *leis* propriamente como ainda ha pouco queriam os neo-grammaticos com o character imperativo que provocou a reacção dos philologos mais autorizados de hoje.

As leis representam *tendencias* em dado grupo ethnico e linguístico.

O objecto da *grammatica* é sempre o *grupo de palavras* e a *regra* respectiva. Apesar disso, é costume indicar nas grammaticas, além dos factos geraes que se applicam a grupos de palavras (como o *s* do plural), factos *isolados* que só a pratica da linguagem viva ou o *diccionario* poderiam ensinar (como, por exemplo, o saber que *mulher* é feminino de *homem* ou *marido*). Abrange, pois, o estudo de regras geraes e de casos especiaes que convêm conhecer para o emprego legitimo e bom uso da lingua.

A definição corrente e muito gabada de que a grammatica é a sciencia dos *factos* da linguagem, é viciosa por imperfeita ou obscura, salvo se a *factos* damos o sentido de generalizações. Individuadamente, os *factos*, como quaesquer phenomenos, por si sós expressam apenas os elementos e os materiaes do estudo ou da sciencia.

Não são os factos, mas as suas relações que constituem a grammatica.

A grammatica pode ser *geral* e *particular*.

Grammatica geral é a que expõe os principios logicos da linguagem. Era o antigo conceito da chamada grammatica philosophica. Grammatica particular é a que expõe os principios e as particularidades especiaes de cada idioma. — Grammatica historica é a que estuda os factos da lingua em seus diversos periodos, desde a origem e formação até a época actual. — Grammatica comparativa, que é hoje a verdadeira *grammatica geral*, é a que estuda os factos communs ou differentes, em grupo de linguas que têm a mesma origem.

Tanto o estudo *historico* como o *comparativo* são inseparaveis e constituem applicações do *methodo historico-comparativo*, essencial á sciencia das linguas. No caso da lingua portugueza, os elementos *historicos* são fornecidos pelo latim, pelo portuguez antigo e pelas influencias das linguas estranhas, em diversas épocas; os elementos *comparativos* acham-se na analyse das linguas romanas, no italiano, no francez, no espanhol, que todas se originam do latim barbaro da idade média ou *latim vulgar*.

A *grammatica geral* ou *philosophica*, de antigo teor, tem já caído em desuso. Comtudo, não é um estudo esteril quando se funda no conceito da *historia* e da *comparação* hoje indispensavel no estudo superior das linguas.

Grammatica descriptiva, ou *expositiva*, ou *pratica*, é a arte que ensina a falar e a escrever correctamente, isto é, segundo o uso das pessoas doudas.

A grammatica pratica, como arte que é, contém preceitos não raro anti-scienficos, por isso que, ás vezes, de seu interesse é apontar meios mecanicos e mnemonicos que facilitem o estudo. Assim, a *grammatica pratica* denomina irregulares os verbos que, scientificamente, no sentido da filiação historica, conservam a regularidade etymologica primitiva. Quasi se pôde dizer o mesmo a respeito de todas as irregularidades, excepções e anomalias, em grammatica.

2. A grammatica portugueza divide-se em quatro partes principaes: *Phonetica*, *Morphologia*, *Classificação* (ou *Taxinomia*) e *Syntaxe*. As tres primeiras referem-se ao estudo do VOCABULO, e por isso tambem se chamam *lexilogia*; a ultima, ao da PHRASE ou *proposição*.

Essas subdivisões de grande commodidade para o estudo não têm suscitado criticas e divergencias apreciaveis. Coisa possivel é adoptar a *classificação* (*taxinomia*) e dentro della incluir a *morphologia* e a *syntaxe*, e como estudo complementar *phonologia*. Este é, em geral, o processó inevitavel, pois que são de natureza artificiosa essas divisões.

Trata-se, pois, de mera conveniencia a distribuição tradicional das materias.

Philologos modernos, como A. Zauner, dividem a grammatica em *phonologia* (*Lautlehre*), estudo dos sons e estudo das *palavras* (*Wortlehre*) e *Syntaxe*. No estudo da *palavra* ou *vocabulo* ha que distinguir as formas (*Wortformen*) a significação (*Wortbedeutung*) e a derivação e formação (*Wortbildung*). Mas, nenhuma destas partes é independente; no estudo dos sons, que parece mais alheio á significação do vocabulo, a *analogia* é elemento indispensavel na *phonetica* mais restricta. Em resumo, a palavra, em seus elementos *sonoros*, na sua *significação* e na *phrase*, abrange as divisões geraes de qualquer grammatica.

O estudo do sentido do vocabulo chama-se *Semantica*, e o da origem e historia das fórmas primitivas, *Etymologia*; commquanto muito dependentes da grammatica, della não fazem commumente parte a *Etymologia*, nem a *Semantica*, e antes representam divisões da philologia geral.

Phonetica é o estudo dos sons que compõem as palavras (1).

(1) Na *Grammatica* do 2º, como na do 1º anno, acham-se as regras mais elementares da *phonologia* ou *prosodia*. Este estudo, porém, com maior desenvolvimento, sob o aspecto linguistico e historico, como observa Sweet (*A new engl. Grammar logical and historical*), não deve fazer parte da grammatica e é antes um ramo muito especial da philologia.

O estudo dos sons envolve o estudo das letras e sym-bolos que os representam. D'ahi a *Orthographia*, que ensina a representar graphicamente e com exactidão os vocabulos: a *Orthoepia* ou a *Prosodia* (ou ainda *Phonética*), que ensina a pronuncial-os segundo o bom uso, e, nesta materia, é considerada de bom uso a prosodia da capital do paiz; pelo menos esta é a que se impõe inevitavelmente.

A *prosodia portugueza* normal não é seguida no Brasil, que tem prosodia nacional algo distincta da européa.

No lugar proprio assignalamos as distincções mais caracteristicas.

Morphologia é o estudo do vocabulo considerado como composto de elementos significativos.

A *morphologia* corresponde ao que nas sciencias biologicas tem sido varias vezes denominado *Organographia*. Os elementos morphicos não são simples letras ou syllabas; são partes do vocabulo que representam a idéa principal ou accessoria:

amar-ei
con-de-scend-ente
bon-d-oso
livro-s
pro-vid-enc-iar.

Cada um d'estes elementos em separado é como orgão que tem função ou sentido, e todos concorrem para determinar a significação total do vocabulo, determinando-lhe ao mesmo tempo a historia e a formação.

Classificação (ou taxinomia) é distribuição dos vocabulos por familias e especies, segundo o sentido ou a formação na phrase.

A classificação toma por base a idéa, por ser esta o attributo mais notavel do vocabulo. Segundo este systema, as palavras são classificadas em familias, que têm as denominações de *substantivos*, *verbos*, etc.

Está claro que essa idéa não pôde significar senão a sua função na phrase ou no juizo, porque, é trivial, a palavra

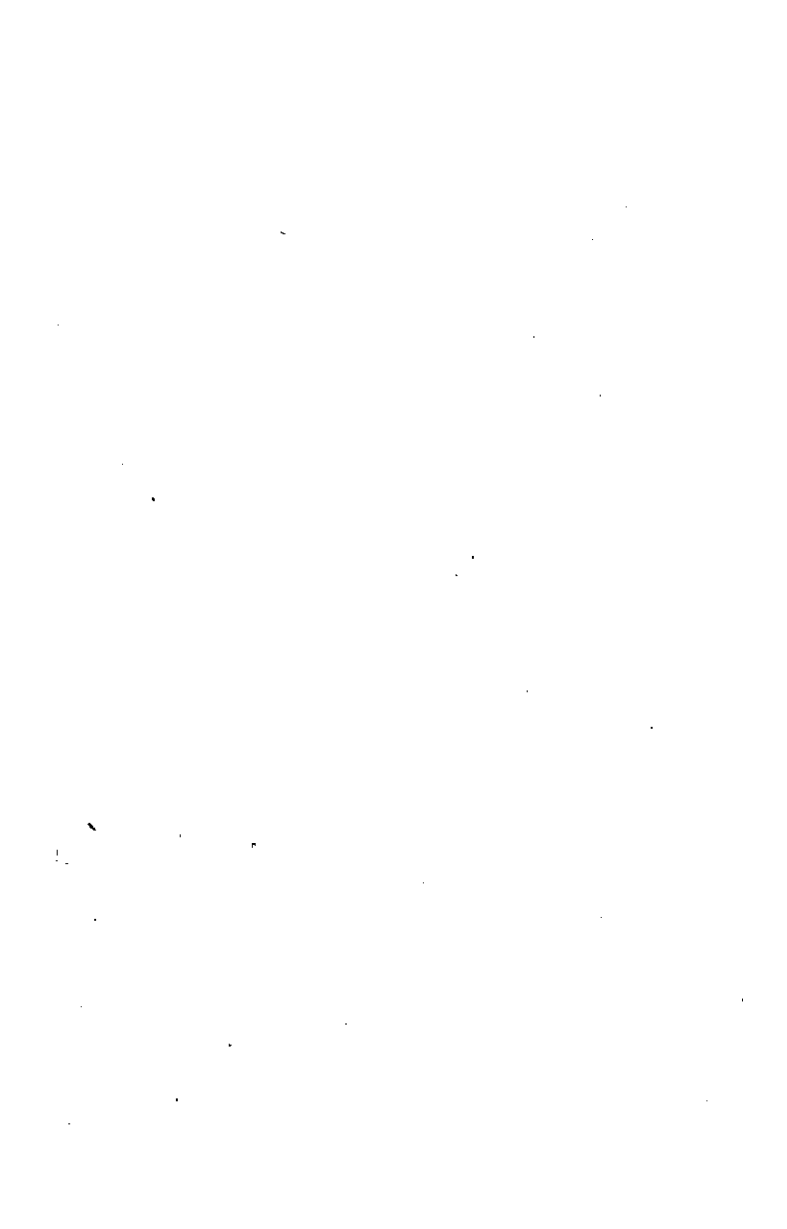
vive e só existe na phrase, mas é a função considerada em si propria, sem o que se confundiria com o conceito da syntaxe.

Syntaxe é o estudo dos vocabulos em coordenação, isto é, considerado na phrase (1). Os vocabulos, considerados uns com os outros, na proposição, mantêm entre si tres especies de relações: a de ordem ou collocação; a de *subordinação* ou (mais restrictamente) dependencia; e a de *concordancia*, que é um aspecto especial da dependencia.

Fica incluído na syntaxe o estudo da classificação das phrases (*Analyse logica*).

Entre os nossos autores e mestres da lingua ha verdadeiro abuso no estudo absorvente e improductivo da *Analyse logica*.

(1) O conceito da *Syntaxe* não é muito preciso, porque em rigor toda linguagem está na syntaxe. assim como toda a palavra só existe realmente na phrase, e fóra della é uma abstracção que só se justifica pelas necessidades dos methodos de estudo (Ries — *Was ist Syntax?* ensaio critico). De consideração é a contribuição de Leo Spitzer (*Ein crsatzwort für Syntax* em que se estuda a materia. Veja nesta grammatica no lugar proprio o que escrevemos.



PHONETICA

(ESTUDO PRELIMINAR)

A *phonetica* é sem duvida inseparavel no estudo da *grammatica historica*. Nesta que nas suas idéas geraes foi composta sob a inspiração do methodo historico-comparativo na medida em que é applicavel ao ensino secundario, tratamos do assumpto sem descer a individuações mais proprias do ensino universitario da philo'ogia.

E' o estudo preliminar que julgamos indispensavel ao nosso *Curso Superior da Grammatica*

I

Phonetica. As letras

Phonetica é o estudo da palavra considerada em seus elementos literaes como um composto de sons, consideradas as leis a que estes obedecem em suas aberrações. Os sons são representados por letras e symbolos, ex.: *m, b, a, i, ã, ó*. O conjunto das letras tem o nome de *alphabeto*.

Reserva-se hoje especialmente o nome de *Phonetica* ao estudo exacto dos sons, sob o aspecto especial da pronuncia: o nome *Phonologia* é mais amplo e comprehende o estudo historico. (1)

O alphabeto moderno é summamente defeituoso. Faltam-lhe symbolos especiaes para certos sons, como *á, é, ó*, que são, ás vezes, suppridos por accentos; ao mesmo tempo possui caracteres superabundantes, como *g e j; c, k, q*, etc. Muitas das alterações das palavras são devidas a defeitos do alphabeto: ficar, *fiquel, etc. Desta arte devem entender-se algumas divergencias como simples questões de escripta ou orthographia.

(1) *A phonetica* ou prosodia nacional tem merecido a attenção de varios escriptores nossos. Mas não ha ainda um systema integral da prosodia brasileira, por isso mesmo que ella é muito variavel com os lugares do extenso territorio. São, entretanto, dignos de nota nesta especie algumas contribuições excellentes: *Repasse critico* de Martinz de Aguiar (para a região do Norte), o *Linguajar carioca* de Antenor Nascentes, o *Dialecto caipira* de Amadeu Amaral, a *Geringonça* de R. Pedrneiras e outras observações menos systematicas e avulsas de estudiosos e philologos nas revistas e folhas periodicas, taes as de C. Jucá filho.

I

Phonetica. As letras

Phonetica é o estudo da palavra considerada em seus elementos literaes como um composto de sons, consideradas as leis a que estes obedecem em suas aberrações. Os sons são representados por letras e symbolos, ex.: *m, b, a, i, õ, ó*. O conjuncto das letras tem o nome de *alphabeto*.

Reserva-se hoje especialmente o nome de *Phonetica* ao estudo exacto dos sons, sob o aspecto especial da pronuncia: o nome *Phonologia* é mais amplo e comprehende o estudo historico. (1)

O alphabeto moderno é summamente defeituoso. Faltam-lhe symbolos especiaes para certos sons, como *á, é, ó*, que são, ás vezes, suppridos por accents; ao mesmo tempo possui caracteres superabundantes, como *g* e *j*; *c, k, q*, etc. Muitas das alterações das palavras são devidas a defeitos do alphabeto: ficar, fiquel, etc. Desta arte devem entender-se algumas divergencias como simples questões de escripta ou orthographia.

(1) *A phonetica* ou prosodia nacional tem merecido a attenção de varios escriptores nossos. Mas não ha ainda um systema integral da prosodia brasileira, por isso mesmo que ella é muito variavel com os lugares do extenso territorio. São, entretanto, dignos de nota nesta especie algumas contribuições excellentes: *Repassé critico* de Martinz de Aguiar (para a região do Norte), o *Linguajar carioca* de Antenor Nascentes, o *Dialecto caipira* de Amadeu Amaral, a *Geringonça* de R. Pederneiros e outras observações menos systematicas e avulsas de estudiosos e philologos nas revistas e folhas periodicas, taes as de C. Jucá filho.

As letras dividem-se em *vogaes e consoantes*. Chamam-se *vogaes* os differentes timbres da voz (1). A vogal é um som laryngeo, puro e inarticulado: *a, e, o*, etc. Chamam-se *consoantes* os sons articulados que só se produzem com o concurso das vogaes: *b (b+ê), c, d...* ou melhor, são sons vogaes que se modificam no percurso do tubo vocal.

Entretanto as classificações são muito varias conforme os systemas. Aqui damos, provisoriamente, as seguintes classes que completaremos mais adeante no estudo particularizado dos valores consonantae.

Classificam-se as consoantes em *labiaes, dentaes, linguaes, palataes*, conforme a influencia que os *labios, os dentes*, etc., exercem em sua producção.

São labiaes: *b, p, m, f, v*. { *bi-labiaes: p, b, m.*
dento-labiaes: f, v.

Dentaes: t, d, s, n.

Palataes: j, g (gê).

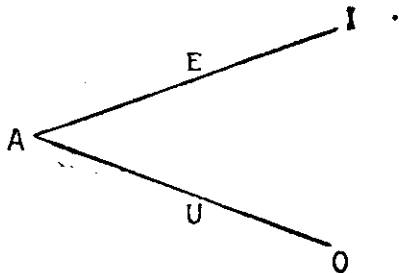
Linguaes: l, r (brando) — liquidas.

Gutturaes: c e g (fortes), k, q.

O som *nasal* pôde ser guttural (*n*) ou labial (*m*).¹

VOGAES

Podemos dispor as vogaes segundo o diagramma:



(1) Max Muller, assim definia. Essencialmente, a *vogal* é o som livre e claro, sem interrupção quando emittido (*voice issuing from the mouth, clear and free* (Bain).

Verifica-se que os timbres vocalicos são *ascendentes*, de A até I, e *descendentes* de A até O e essa divergencia resulta do movimento da lingua que no primeiro na sua parte anterior se eleva gradualmente ao palato, ao passo que na série *descendente* é a parte posterior da lingua que move no mesmo sentido. As vogaes são, pois, todas ellas *linguo-palataes* na sua producção, excepto o A, que marca o momento de inercia e é o ponto de partida dos varios timbres. Se examinarmos attentamente os varios timbres, encontramos na linha *ascendente* os matizes phoneticos que se seguem:

A ——— â ——— e ———

má (medo) (se) (vi)

Na linha *descendente*:

A â u ô ó
(má) (para) (tudo) (flor) (só)

Ha muitos phonetistas que divergem quanto á direcção *descendente* collocando U no extremo da linha.

Segundo o diagramma

A ——— ô ——— u.

A verdade é que tanto U como I se afastam acentuadamente nas duas direcções e podem passar por vogaes de formação independente, por isso mesmo, têm ambas um timbre quasi invariavel, mormente no portuguez que não possui o *ü* muito proximo do *i* da outra escala.

E' util observar que na phonetica brasileira escapam certas variedades de timbre observaveis no portuguez europeu: o *á* aberto é entre nós o unico das vozes indigenas (*jacá, Pará*) e apenas se distingue do *a* atono nas vozes portuguezas: *cása, páta*. Nas escolas é costume ensinar a proodia do *a* grave em *mas* (conj.), *para* (preposição), *a* (ar-

tigo distincto de *á*); essas distincções escolares não correspondem á pronuncia brasileira. (1)

O *e* tem entre nós os sons *é* (pé), *ê* (medo) e *e* atono quasi equivalente a *i* (cidade).

A distincção *ê* (prêgar) (pêgada) não existe; pronunciamos como *é* aberto de *fé*, *petipé*, *café*. Tambem não conhecemos o *e* brevissimo portuguez: *pedido* (p'dido) e por isso não commetemos os erros graphicos: *vezinho*, *Felipe*, *Felinto*, tão communs entre os portuguezes.

O *o* tem entre nós os timbres: *ó* (pó), *ô* (todo) e *o* atono, equivalente a *u* (rato, lindo). Aqui não divergimos dos portuguezes, salvo quando segue nasal: Antonio (antônio e não antóhnio), mórmente nas palavras esdruxulas. Divergimos, porém, no *o* pretonico, que entre nós vale *ô* e não *u*: *sóbrado* e não *subrado*. Comtudo em varios lugares sôa *u*: *chuver*, *tumar*, em poucas palavras.

Das *nasaes* trataremos em lugar apropriado. A *nasal* é sempre mais extensa e intensa no Brasil.

Podemos denominar (por approximação, já se entende) o *a* como *guttural*, o *o* e *u* como *labiaes*, *i* e *é* como *palataes*; todas as vogaes, porém, são linguo-palataes, ainda que não haja contacto no tubo vocal.

(1) Nas indicações de distancia no linguajar do sertanejo, são differentes os timbres do *a* em *ca* ou *la*; observação igual fez Wundt a respeito de certas linguas barbaras africanas: In manchen Sudansprachen werden in dieser Weise drei Abstufungen der Entfernung (oder der Grösse) geschieden. Demnach erscheint das *dort in der Ferne* im tiefsten Ton, das *dort in mittlerer Entfernung* in einer mittleren und das *hier in der höchsten Tonlage*. Wundt — *Voelkerpsychologie*, 66.

O mesmo factó observou Montoya na lingua dos indios quanto aos diminutivos *con*, o *i* final muito prolongado.